

Portugal 5.0: A Inovação em PowerPoint e a Ciência em Suspense

Publicado em 2025-10-16 19:01:55



Box de Factos

- **Tema:** Execução do PRR e investimento em Investigação & Desenvolvimento (I&D) em Portugal
- **Fonte:** Dados públicos e relatórios europeus sobre execução do PRR
- **Constatação:** Portugal é líder em percentagem destinada a I&D no PRR, mas quase nenhum investimento foi concluído
- **Contexto:** PRR 2021–2026 — Programa de Recuperação e Resiliência financiado pela União Europeia

O Teatro da Inovação: Portugal e o PRR que Brilha no Papel e Falha na Vida Real

I. O palco e o cenário

Portugal é, oficialmente, um dos países europeus que mais “apostam” em **Investigação e Desenvolvimento** no âmbito do PRR. Os comunicados são exuberantes: percentagens impressionantes, compromissos milionários, promessas de revoluções tecnológicas. Mas quando a cortina sobe, o palco está vazio — e os protagonistas ainda não chegaram.

O PRR tornou-se uma espécie de teatro orçamental. O cenário é moderno, as palavras são importadas de Bruxelas, mas o guião é o mesmo de sempre: burocracia, lentidão e uma dolorosa incapacidade de transformar intenção em ação.

II. A coreografia dos anúncios

Portugal é mestre em **anunciar** inovação. Centros tecnológicos, clusters empresariais, agendas mobilizadoras — uma chuva de nomes e siglas que impressiona até o mais cético. Mas se formos ao terreno, encontramos portas fechadas, prazos suspensos e concursos que morrem de inércia antes de nascerem de facto.

As empresas que realmente inovam continuam a lutar sozinhas, sem apoio real nem acesso rápido às verbas. Enquanto isso, as grandes estruturas instaladas, com os contactos certos, recebem as tranches e acumulam relatórios e powerpoints. Em vez de inovação, temos **retórica com subsídio**.

III. O paradoxo português

Os relatórios europeus colocam-nos como líderes entre os “inovadores moderados”. É como ser o melhor aluno da turma dos medíocres: honra duvidosa, mérito relativo. Continuamos a investir em “centros de inovação” e “redes colaborativas”, mas não em **inovação dentro das empresas**. O Estado prefere financiar estruturas a estimular ideias.

Enquanto isso:

- O país continua a **importar conhecimento** em vez de o gerar.
- Os **jovens investigadores** emigram, e as universidades perdem massa crítica.
- As empresas sobrevivem graças a **subsídios** e não à competitividade real.

É a inovação sem risco, a ciência sem propósito, o progresso sem consequência. Portugal transforma cada programa europeu numa oportunidade de discurso, não de transformação.

IV. Os números que encantam e enganam

Nos relatórios oficiais, tudo parece promissor: “Portugal dedica 3% do PRR a I&D”, “é dos países com maior proporção de verbas para inovação”. Mas o que raramente se diz é que o país ainda não **executou integralmente nenhum projeto estruturante** nessa área. Há compromissos, mas não há obra feita; há planos, mas não há protótipos; há relatórios, mas não há resultados.

O PRR tornou-se uma vitrina de boas intenções — limpa, iluminada e vazia. É a estética da eficiência sem substância:

parece modernidade, mas é apenas contabilidade com maquilhagem digital.

V. O espelho e o reflexo

Portugal continua a confundir progresso com apresentação de slides. É um país que sonha em ser Silicon Valley, mas continua atolado em formulários e autorizações. A inovação não nasce em gabinetes ministeriais, nasce em oficinas, em laboratórios, em mentes inquietas — e é precisamente essas que o sistema afasta.

Ser líder em intenção não é mérito — é ironia. Somos os primeiros a reservar verbas e os últimos a utilizá-las. O PRR é o espelho de uma cultura política que **prefere a aparência à execução**, o anúncio à realização, o palco ao conteúdo.

VI. Epílogo: o futuro que não chega

O verdadeiro milagre seria um orçamento que deixasse de anunciar o futuro e começasse a construí-lo. A inovação portuguesa não precisa de mais discursos — precisa de chão, de coragem e de liberdade. Enquanto o país se contentar com relatórios bem diagramados, continuará a ser o eterno aluno aplicado do improviso europeu.

“Inovar é fazer o que nunca foi feito. E o que Portugal faz melhor é repetir o que já anunciou.”

— Augustus Veritas Lumen · Fragmentos do Caos



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

